

JÁ?

Ainda agora há pouco mais de 8 meses que o País se viu livre da ditadura de um Partido Único, já caminhamos para outra ditadura... começando por Sindicalismo Único?

Oxalá o País tome consciência dos perigos que o ameaçam.

(Avançado)



A Voz de Loulé

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

ANO XXII
(Preço avulso 2\$50)

15.1.75
N.º 554

Delegação em Lisboa
R. Passos Manuel, 102-5.-Dt.
Telef. 56 27 59

Composto e Impresso
CARLOS MARQUES, SARL
Rua Dr. Augusto Barreto, 11 a 19
Telef. 2 40 24/5 B E J A

DIRECTOR E PROPRIETARIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira
Telef. 6 25 36 L O U L E

O Presidente Costa Gomes pediu aos portugueses trabalho e serenidade

O general Francisco da Costa Gomes, Presidente da República, dirigiu ao País, no dia de Ano Novo, uma importante mensagem, da qual nos permitimos arquivar nas nossas páginas, algumas significativas passagens:

A PAZ

Português:

Hoje é o Dia Mundial da Paz. Aparentemente, o conceito de paz é de uma evidência tão natural que, desse logo, seria um tema exausto. (.)

A paz, no entanto, não é um dom natural como o ar que respiramos, a paz defende-se e constrói-se com trabalho, compreensão, paciência, coragem, sacrifício e uma atitude crítica de vigilância permanente para o nosso mundo interior e para

• Continua na 6.ª pág.



GENERAL COSTA GOMES

CHOQUE DE CLASSE

Porquê e para quê? Em beneficio de quem?

É falso que nasçam homens deserdados, como divulgam os agitadores das massas. Para todos nasce o sol e todos podem gozar também os benefícios do trabalho.

A. FERRER DEL RIO

Contrariando os princípios da legalidade instituída por Lei recente e aproveitando a circunstância de as vésperas de Natal ser a época de maior volume de vendas, para mais facilmente apressarem um acordo com a en-

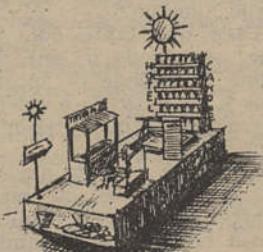
tidade patronal, os empregados de comércio do Algarve estiveram recentemente em greve.

Aceitamos que a greve seja um direito dos que trabalham por conta de outrém. Simplesmente entendemos que deve haver um mínimo de bom senso e de respeito pelas leis vigentes no País, pois de contrário caminharemos abertamente para o caos económico que a ninguém aproveitará. Que não se negue ao trabalha-

• Continua na 6.ª pág.

EM 1975

O carnaval de Loulé é uma festa do povo



O período do Carnaval é, por tradição, um tempo de devaneios e alegria popular, quando as pessoas decidem imitar os paradoxos da vida e reconquistar uma pouco de sonhos que lhes rondam dia a dia.

O Carnaval de Loulé, desde sempre, tem feito do convívio um modo de ser da espontaneidade popular um talismã, que as realidades, no entanto, têm por vezes desvirtuado.

Em 1975, porém, o Carnaval de Loulé poderá vir a ser uma verdadeira festa do povo, a festa da libertação, de manifestação colectiva por ter sido alcançado para o nosso País o estatuto democrático, que é a forma civiliza-

da dos povos se entenderem e conduzirem.

Embora tendo começado tarde a sua organização (um mal que se vem arrastando e que ninguém tem conseguido remediar), as Batalhas de Flores de Loulé poderão — e para tanto sabemos que estão a ser feitos todos os esforços — oferecer aos nossos conterrâneos e visitantes um Carnaval/75 repleto de alegria, boa disposição, manifestações de variada índole, carros alegóricos, etc. Em suma: as nossas Batalhas de Flores hão-de transformar-se, em 1975 numa verdadeira festa do povo, desse povo que, enfim, conquistou a sua liberdade.

• Continua na 5.ª pág.

Homenagem ao Dr. Joaquim Magalhães por motivo da sua aposentação

Os professores do Liceu de Faro promoveram uma justa homenagem ao dr. Joaquim Peixoto de Magalhães, Reitor daquele Estabelecimento de Ensino, por motivo da sua recente aposentação. No decorrer da simbólica cerimónia, usaram da palavra a dr. D. Maria Joana Meira e dr. José Neves, que enalteceram as excelentes qualidades humanas e a proficiente acção educativa e pedagógica do homenageado, enquanto desempenhou funções no Liceu de Faro.

O dr. Joaquim Magalhães, de quem «A Voz de Loulé» se orgulha de ter como colaborador de longa data, é licenciado em Fisiologia Romântica pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, cidade donde é natural.

Colocado no Liceu de Faro, como professor agregado, em 1933, radicou-se definitivamente no Al-

• Continua na 3.ª pág.

O Eng.º Laginha Serafim falou em Loulé

Em brilhante improviso, o nosso ilustre conterrâneo Eng.º Laginha Serafim falou em Loulé no Comício do M.D.P.

As suas palavras ecoaram fundo no coração dos louletanos presentes e era uma pena que se tivessem perdido no balhar de ideias que cada um teria no seu pensamento. Por isso alguém teve a feliz ideia de gravar as suas palavras em fita magnética e transmiti-las para o papel.

Mas pareceu-nos que isso ainda era pouco, pois o mérito das palavras de Laginha Serafim merecem ficar registadas no jornal da sua e nossa terra para que todos os louletanos possam apreciar as

• Continua na 2.ª pág.

Queridos Democratas louletanos

«Portugal não é independente com o Algarve» sob dominação estrangeira

— CARLOS ALBINO

Lançando ao vento mais uma das suas bombásticas frases, Carlos Albino veio agora dizer-nos que os algarvios vivem «sob dominação estrangeira».

Felizmente que isto é imaginário autêntico até: «Porque a imaginação autêntica só pode pertencer aos revolucionários», no dizer de Carlos Albino. E como o autor desta bombástica frase é um revolucionário, logo Carlos Albino, possui o monopólio da imaginação. E, como monopolista que afinal também é, não parece bem que ataque tão ferozmente aqueles que só o são na sua pródiga imaginação.

Dando alardes do seu irrequeito espírito progressista e de grande dinamizador de ideias, Carlos Albino vem revelar ao Mundo, em grandes paragonas do «Jornal do Algarve», que «Portugal não é independente com o Algarve sob dominação estrangeira».

Frente a este fraseado óco, gostaríamos de perguntar a Carlos Albino porque razão não foi ele o impulsor do progresso do Algarve através da Imprensa, da Rádio e de conferências?

Já que quer fazer tudo com palavras, porque não faz um hotel com palavras?

Se não fossem os capitalistas, quem poderia ter gasto milhões de contos nos hotéis que se construíram no Algarve e que proporcionaram trabalho (bem remunerado) a milhares de trabalhadores da construção civil, distribuindo riqueza a todos os sectores do comércio, da indústria e da agricultura algarvia?

E são esses mesmos capitalistas que estão agora perdendo milhares de contos, mantendo abertos os seus hotéis... praticamente para que não sejam lançados

• Continua na 2.ª pág.

Eng.º Vasques do Nascimento

No Instituto Superior de Agronomia, concluiu recentemente o seu curso, o nosso conterrâneo sr. eng.º Pedro Manuel Vasques do Nascimento, filho da nossa conterrânea sr. D. Maria de Lourdes Vaz de Barros Vasques do Nascimento, e do sr. Constantino Cândido do Nascimento nosso dedicado assinante em Lisboa.

Ao novo engenheiro agrônomo, que foi aluno distinto e desempenhou nos últimos anos do seu curso, as funções de Monitor no Instituto que frequentava, endereçamos os nossos parabéns, com votos de brilhante futuro na carreira que escolheu.

Igualmente para seus pais vão os nossos parabéns.

VEM AÍ O PAPÃO?

— POR MÁRIO DAVID

Nota Quinzenal

ALGARVE principio e fim do Colonialismo

Do Algarve partiram os primeiros navegadores que colonizaram Angola. Quase 5 séculos depois vêm ao Algarve homens dispostos a negociar a independência de Angola. Um bem? Um mal? É extremamente difícil definir uma opinião sensata acerca de tão melindroso problema. Para uns, e esta é a opinião, muito discutível, do autor de uma circular anónima que recebemos de Faro, «Foi o Algarve escolhido para local do último acto da mais vergonhosa empresa que alguma vez interessou Portugal», mas pensamos que talvez a maioria aceite que, no ano de 1975, já não seria possível encontrar outra solução.

Se nos disserem que o solução ideal poderia ter sido encontrada 10 ou 20 anos antes, concordamos.

Mas agora, continuar lutando contra as legítimas aspirações de um povo ajudado por poderosos interesses

• Continua na 4.ª pág.

• Continua na 5.ª pág.

Eng.º Laginha Serafim

Continuação da 1.ª pág.

tima vez o nosso movimento ainda não era um Partido. Transformou-se em Partido Político e júgo que se transformou bem. Assisti, como simpatizante e promotor deste Movimento, às grandes jornadas de Lisboa, as Jornadas Democráticas. Assisti no Porto à aprovação dos estatutos que aqui tenho nas minhas mãos e foi de todo o coração que aderi ao Movimento. Entendo que o nosso Movimento é efectivamente um movimento português, democrático, unitário e progressista em todos os aspectos. É, acima de tudo um Movimento, um Partido do Povo!

Sabem que nasci na rua de Portugal e que procedo do nosso Povo.

Conheço esta terra, nunca dei de cá vir e conheço a bem. Lembro-me daqueles tempos em que Loulé havia várias indústrias que pouco a pouco foram desaparecendo. A indústria da juta, a indústria do calçado, a cerâmica, os sabões, e tantas outras que pouco a pouco vimos os monopolistas do nosso país a apossar-se delas. Eram Indústrias que poderiam ter progredido, que poderiam ter transformado esta terra e o Algarve numa zona progressiva e com um povo educado, com um povo a viver no mais alto escalão da Europa, como ele merece e onde ele deve estar.

Diziam-nos às vezes que somos pobres. Ouvímos, sobretudo os fascistas dizer que Portugal é um país pobre. Não é. E o nosso concelho e o nosso Algarve não são pobres. Nós temos um mar maravilhoso, onde convergem duas das maiores riquezas de todos os Oceânicos da Terra. Converge aqui a saída do Mediterrâneo que é o grande rio da África, da Ásia e da Europa; e o Mediterrâneo deixa para o Oceano uma riqueza em plântano absolutamente única em todos os Oceanos do Mundo. Aqui converge também a corrente do Golfo (do México). Por isso não é de espantar que nós temos as melhores sardinhas e o melhor atum, que temos de explorar e de conhecer melhor. Também aqui temos os melhores frutos, tanto os frutos sêcos como os frutos das hortas. Temos condições excepcionais para a horticultura. Temos talvez das melhores águas termais que o nosso país possui. Nós temos, inclusivamente, petróleo e alcatrás. Temos sal gema. Temos uma série enorme de riquezas que não foram exploradas porque aos monopolistas de Portugal isso nunca lhes interessou. E até estão inexploradas por outra razão que vai ser o tema desta minha conversa de hoje. Estão inexploradas porque os habitantes de Loulé não são capazes de levar por diante essas riquezas e a sua exploração, como o fazem os povos mais progressivos do

mundo. Os louletanos não têm o nível educacional que lhes permite conhecer essas riquezas, saber o que elas valem e depois explorá-las.

O valor duma Nação não está nas riquezas dessa Nação. O valor duma Nação está no valor dos homens dessa Nação. Qualquer Nação, mesmo aparentemente muito pobre, se pode transformar numa Nação rica. Quando falo desta maneira poderei parecer que o objectivo político de um país progressivo seja transformar todos os homens em homens ricos. Não é isso. A expressão homem rico tem muitas vezes um significado prejuridico e não é a esse que me refiro. O objectivo daqueles que gostam do seu povo, daqueles que estão dispostos a sacrificá-lo por ele, (e vocês têm exemplos desses aqui na mesa, homens que foram capazes de arrastar as piores dificuldades e as piores iniquidades para bem do Povo) é transfor-

Continua na 5.ª pág.

Atribuídos os prémios dos jogos Florais de Vila Real de S. António

Integrados nas comemorações do II centenário da fundação de Vila Real de Santo António, foram promovidos os Jogos Florais daquela localidade, os quais registaram uma ampla participação de concorrentes. Para entrega dos prémios, realizou-se recentemente no Cine-Foz daquela vila, um espectáculo público, em que participaram diversos artistas, tais como, Júlia Babo, Mara Abrantes, Gina Maria, Bruno, José Manuel Osório, Arlindo de Carvalho, Quarteto Vocal Feminino e a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional. O espetáculo foi apresentado por Maria Júlia e Igrejas Caeiro.

De salientar que, entre os diversos premiados nas modalidades a concurso, apenas um é natural do Algarve (João Brás, de Portimão, que ganhou 2.º prémio nas modalidades «soneto» e «poesia obrigada a mote»). De referir, também, que não foi atribuído qualquer prémio à modalidade de ensaio, que deveria subordinar-se ao tema «As Perspectivas Económicas e Turísticas do Concelho de Vila Real de Santo António».

Os membros do júri foram os drs. Campos Coroa e Fernando Furtado, que foram acompanhados por Baptista Correia, presidente do município, que presidiu à proclamação dos premiados.

De notar, ainda, a manifestação promovida por um grupo de jovens, que protestou contra a natureza do espetáculo e alguns dos seus intervenientes.

UMA CARTA DOIS TEMAS...

De um nosso assinante recebemos uma carta que vamos parcialmente transcrever, de modo que os assuntos nela versados possam ser devidamente encarados e resolvidos, para bem da maioria.

AS EMPREGADAS DOS DOUTORES...

«Sr. Director, peço-lhe que dê uma piadazita às empregadas dos srs. doutores que abrem as portas dos consultórios às 10,30 (quer dizer, deviam abrir...) e que às 10,45 ainda está ali aquele povo todo a passar frio e também chuva, esperando à porta que a senhora empregada venha abrir a dita porta.»

...E OS TÁXIS QUE FALTAM

«E também precisamos de mais dois ou três táxis; chega-se a esperar muitas vezes duas horas. Ainda há dias uma pessoa muito conhecida em Loulé precisava de ir a Faro com urgência, mas no conseguiu por não ter táxi. Pois faça o favor, sr. Director, de dar estas notícias a ver se o sr. Presidente da Comissão Administrativa olha por estas coisas, em especial nos táxis que estamos muito mal servidos.»

Portugal não é Independente

Continuação da 1.ª pág.

no desemprego milhares de trabalhadores da indústria hoteleira.

Se Carlos Albino quer também referir-se às especulações com as vendas de terrenos, até podemos aceitar que talvez tenha inveja de também não ter feito oportunamente o seu negociozito. Foram escandalosas as vendas de terrenos? Pois foram. E quem poderá evitar que um interessado compre por 100 aquilo que um vendedor acha valer 20?

Se toda a gente (desde que tem dinheiro) pode comprar terrenos no Algarve ou construir hotéis, onde estão os monopólios?

Foram os estrangeiros que fizem os primeiros hotéis e descobriram o Algarve como estância de turismo? É evidente que foram e que mal há nisso? Se as praias do Algarve já eram belas séculos antes, porque não tiveram os portugueses (e algarvios em especial) a iniciativa (e a coragem) de aproveitar essa inegável riqueza?

Para melhor esclarecimento dos incautos, Carlos Albino devia esclarecer quem foi que perdeu com o «turismo milionário». O País, que recebe voltuosas divisas? Os trabalhadores dos hotéis que recebem altos salários? O comércio, a indústria e a agricultura que tem melhores mercados para os seus produtos? Então esta gente boa e trabalhadora não conta para Carlos Albino?

Com que então, Carlos Albino, só conhece a «meia dúzia de corruptos da Bancaria Portuguesa? Só está interessado em injuriar?

Quem diria que, escondida no cérebro de Carlos Albino, se agitaria tanta maldade?

Onde se escondem esses «malitos» monopólios que os lacaios saudavam?

Qualquer algarvio pode desmentir Carlos Albino e dizer-lhe que o turismo proporcionou bens de riqueza para todos, desde que quizessem trabalhar e negociar. A escassez de mão de obra que o turismo provocou causou uma vertiginosa subida de salários de que os trabalhadores foram os principais beneficiados.

Claro, que, no referente a benefícios para os trabalhadores, é problema tabu para Carlos Albino... Talvez ele queira provocar uma crise de desemprego para gáudio dos fascistas.

Quererá Carlos Albino afogar o Algarve todas as pessoas a que chama capitalistas para que depois fiquemos com o nível de vida da subdesenvolvida região de Trás os Montes? Não será isso uma atitude fascista?

Será que Carlos Albino anda à procura de um sistema económico que acabe com o capital e faça desenvolver o País sem dinheiro? De Carlos Albino tudo se pode esperar, pois às vezes até tem ideias reveladoras dum lucidez fora do comum. E essa lucidez revela-se quando corajosamente denuncia subornos; quando alerta consciências de trapacões escandalosas; quando proclama o seu espírito revolucionário na defesa de patrimónios artísticos que os fascistas desprezaram.

Afinal de contas, Carlos Albino, diz-se revolucionário, mas age como um fascista ao pretender arruinar a economia do Algarve.

NORBERTO DA SILVA

DESPERDIÇIOS DE ALGODÃO

para limpeza de máquinas

CASA CHAVES CAMINHA

AV. RIO DE JANEIRO, 19-B
LISBOA ■ TEL. 72 51 63

As cooperativas oferecem ao agricultor a possibilidade de expandir o seu campo de ação sem alienar totalmente uma independência que, em geral, estima.

QUASE CRÓNICA — Por SEQUEIRA AFONSO

Os Manuais da Revolução

Garantiam os inúmeros manuais da revolução (clássicos e modernos) que só se poderia sair duma situação de clausura político-social através de:

- a) Uma revolução popular armada;
- b) Um golpe de Estado palaciano;
- c) Uma intervenção do exterior.

Todavia, nenhum dos autores dos manuais considerados previa a possibilidade de as Forças Armadas conseguirem, por sua intervenção pacífica, desbloquear uma sociedade que, durante 48 anos, foi mantida sob a pata de ferro da ignomínia e da tirania.

Diga-se, aliás, que ninguém acreditaria na hipótese de um povo inteiro vir para a rua, armado de cravos vermelhos cantar vilas morenas, terras da fraternidade, ao lado dos seus soldados... E, se porventura um «adivinho» qualquer tivesse aventado o histórico acontecimento, teria sido chamado, pelo menos, de parvo — e a questão seria arquivada, de imediato, no rol das asneiras inconsequentes.

O pior (isto é: o melhor) foi que o imprevisível se tornou realidade, ferindo de tal modo o orgulho dos praticantes da revolução livre que estes, verdadeiramente desorientados, decidiram afugentar a caça dos seus visionários dominios. Assim, desta vez, nem o ricochete os safou do aperto decisivo...

O País — este País de sal e lágrimas, mas também de alegria e cantos livres — pode finalmente respirar ar puro, com os pulmões de milhões de portugueses, enfim capacitados da força que temos e da necessidade de construirmos o futuro da nossa amada Pátria.

São dos homens, das mulheres e das crianças as mãos que moldam as coisas e o tempo. Os manuais, repletos de palavras, são apenas repositórios de ideias que a realidade, em constante mudança, desmente não poucas vezes de forma inesperada.

E pois, nos homens, nas mulheres e nas crianças — no povo pacífico e trabalhador — que reside a vontade e o poder da revolução. Quanto aos autores dos manuais, coitados — têm o olho de longo alcance cada vez mais impróprio para abarcar toda a metamorfose do mundo que os ultrapassa.

A propósito de um comício

Continuação da 6.ª pág.

contribuem para um melhor aproveitamento das terras e desenvolvendo uma exploração pecuária de 900 animais (280 das quais vacas leiteiras que produzem cerca de 5.000 litros de leite por dia).

Isto não será válido?

Perguntamos: teria sido melhor para alguém que a Quinta de Quarteira continuasse sendo apenas uma propriedade agrícola (cada vez mais abandonada e em exploração deficitária através de arcádicos métodos de trabalho) ou não teria sido imensamente mais útil investir ali milhões (milhões!) de contos e proporcionar a milhares de trabalhadores as mais altas remunerações do País?

Não há dúvida que o pior cego é aquele que não quer ver.

Mas quem quiser ver, que vá a Vilamoura e admire o que por lá se apontam só os erros?

Será matendo velhas estruturas numa arrepiante estreiteza de vistas que se pretende desenvolver este País?

Criticá-se o capitalismo só porque fomenta riqueza? Será que o dinheiro não é tão necessário à vida dum País como o sangue no corpo humano?

Para quê tanto ódio àqueles que, arriscando o seu dinheiro numa actividade de incertos lucros a longo prazo e sujeitos aos precalços de que presentemente é claro exemplo?

Não será verdade que o turismo é actividade que mais tem contribuido para o equilíbrio da nossa balança de pagamentos?

Será justo guerrear quantos

gastaram milhares de contos para atraír ao Algarve aqueles que nos trazem preciosas divisas?

Cometeram os capitalistas erros? Sem dúvida. Mas por que se apontam só os erros?

Em vez de se dizer alegremente que se expulsaram os rendeiros de Vilamoura, para fazer delirar as massas contra os capitalistas, por que não se explica às pessoas que a cessão de contrato com a Quinta de Quarteira deu aos ex-rendeiros a exuberante felicidade de «arriscarem» o dinheiro recebido para procurarem água nos seus abandonados sequeiros de Vale Judeu, transformando em verdejantes e prósperas hortas uma vasta área entre as Quatro Estradas e Vilamoura, que é hoje o encanto até dos que apenas passam na estrada?

Usufruindo um magro rendimento duma deficiente exploração agrícola, rendeiros da Quinta de Quarteira da década de 60, estavam já abandonando as terras e emigrando para a Argentina.

Os que ficaram dão graças a Deus pela novas oportunidades que a existência de Vilamoura proporcionou a todos os habitantes da região de Vale Judeu (e não só).

Os rendeiros da Quinta de Quarteira, tiveram as indemnizações que a Justiça lhes atribuiu. Continuaram lá trabalhando quantos quiseram e a maioria encontrou a prosperidade explorando em Vale Judeu as suas próprias terras que estavam abandonadas antes dos primeiros desgostarem que ali havia água.

Portanto perguntamos: alguém perdeu com a transacção efectuada?

Será assim, deturpando os mais elementares princípios de justiça social, que se pretende defender os interesses do povo português?

Por favor não estraguem a revolução que homens bem intencionados fizeram do dia 25 de Abril de 1974.

CESARIO MATOS

LEIA E ASSINE «A VOZ DE LOULÉ»

— UM JORNAL INDEPENDENTE AO SERVIÇO DE LOULÉ, DO ALGARVE E DO PAÍS.

A BANCO DO ALGARVE RECONSTRUÇÃO NACIONAL

Títulos do Tesouro

Para si é rendimento

MÍNIMO ANUAL

10%

MÍNIMO ANUAL (COM PRÉMIO DE REEMBOLSO)

11,5%

CONTE CONNOSCO

NÓS CONTAMOS CONSIGO

PARA A NOVA POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO
ECONÓMICO E SOCIAL DO PAÍS

Informações e subscrição em todos os nossos balcões

A EVA serve mal os Estudantes

Foi-me dado ler nos n.º 551 e 553 do jornal que V. Ex.º dirige, duas cartas que focavam o problema da maneira como os estudantes são servidos pela EVA e, foi particularmente ao ler a segunda, do Sr. José Cabeças Coelho (gerente da referida empresa), que tomei a decisão de escrever esta carta.

Com efeito, foram pontos que me chamaram especialmente a atenção a classificação de «menos justas», atribuída por aquele Senhor às considerações do colega Vitor Leal, sobre a Empresa, e a evocação do respeito que todos os louletanos merecem por parte da EVA.

Também sou louletano, e, além disso, estudiante; enquanto utilizei os serviços da EVA, senti-me sempre explorado e mal servido. Como todos os estudantes, também eu utilizava o passe semanal de 12 viagens. Porém, se um dia não efectuasse viagem, no dia seguinte não poderia compensar essas viagens, nem seria reembolsado o dinheiro que tinha pago para as fazer.

Para maior elucidamento de como a EVA trata os estudantes, gostava de relatar um episódio que se passou comigo, juntamente com dois colegas, num autocarro daquela empresa. Certo dia em que terminei mais cedo do que o normal as aulas no Liceu (em Faro), dirigi-me, como fazia diariamente, para a estação rodoviária desejoso de chegar a casa, visto que chovia e o tempo estava frio e desagradável. Quando cheguei à estação verifiquei que ia partir um autocarro para Loulé; apressei-me com os meus colegas e conseguimos seguir nele. Quando o cobrador se abriu para nós, exibimos os nossos passes, o que constituiu motivo de ira para o funcionário que, gritando, nos disse que

aquilo não era válido para aquela carreira que passava por Santa Bárbara e que se não pagássemos os respectivos bilhetes seríamos postos fora. Respondemos que pagávamos o excesso do custo do bilhete normal. Como o cobrador se recusasse a receber-lo, não pagámos bilhete. À chegada a Loulé fomos esperados por um outro funcionário da EVA, que quase nos quis bater. Pedimos então para falarmos com um director da EVA, e recebemos como resposta que não tinhamos nada que falar com um director e que ou pagávamos os bilhetes ou, de futuro, não nos seriam passados passes.

Este caso, que foi testemunhado por bastantes pessoas, é bem explícito do respeito e da atenção que a EVA dedica aos estudantes louletanos.

Apresento a V. Fx.º o meu pedido de desculpa pelo espaço que estou a roubar ao jornal de que é director e subscrevo-me com a mais elevada consideração.

Atenciosamente
LÉLIO AMADO



Encomende os seus
impressos pelo telefone
62536.

(Gráfica Louletana — Loulé)

«A Voz de Loulé» N. 554 15-1-75

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé Anúncio

Nos autos de petição para convocação da assembleia de credores do falido CUSTÓDIO CABRITA, casado, comerciante, residente no sítio de Alfontes, freguesia de Boliame, concelho de Loulé e actualmente emigrado em 341 Moneil Plance, Mineola, New York, Estados Unidos da América, foi designado o dia 25 de Fevereiro de 1975, pelas 10 horas, no Tribunal Judicial desta comarca de Loulé, para a realização da referida assembleia de credores comuns, para assistirem à qual, por este meio são os mesmos credores convocados

Loulé, 3 de Janeiro de 1975

O Juiz de Direito,

a) Francisco António das Neves e Silva Pereira

O Escrivão de Direito,

a) João do Carmo Semedo

O Algarve e o problema do leite

Exm.º Senhor
Director do Jornal «A Voz de Loulé»

Por se tratar dum assunto de interesse colectivo, muito agradeço a V. Ex.º a publicação desta minha carta.

Nesta hora em que as estruturas sociais, no nosso País, vão sofrendo algumas alterações, tendentes a reduzir as regalias de que vinha sendo aureolado o tembroso capitalismo e que as ideias cooperativistas pretendem introduzir-se no nosso sistema sócio-económico, acho oportuno, focar um assunto que parece necessário de reforma e bem podia ser beneficiado pelos ventos do socialismo cooperativista.

Trata-se da exploração leiteira, no Algarve, que é muito inferior àquela que as potencialidades da Província nos oferecem. A exceção de uns poucos produtores, que estão, de certa maneira, incluídos na classe capitalista, que detêm um efectivo de algumas dezenas de cabeças, cada um, e que fornecem o seu leite às cooperativas de produtores de leite existentes, os restantes são pequenos agricultores que possuem duas ou três vacas, cada um, fornecendo o seu leite directamente ao consumidor.

O quantitativo total destes produtores é muito pequeno, em relação às necessidades da população, existindo a possibilidade de canalizar para Lisboa, os excessentes, quando os houver, não havendo portanto, o menor receio em fomentar a produção de leite, por falta de mercado para o mesmo.

Com exceção de alguns associados das cooperativas, que já produzem leite com um bom nível higiénico, os pequenos produtores que fornecem o leite directamente ao consumidor o leite numas condições higiénicas que deixam muito a desejar.

Estes pequenos produtores que possuem duas ou três vacas leiteiras, com a finalidade de explorarem as suas crias, aproveitam a tirar, diariamente, uma dezena ou menos de litros de leite, para o seu consumo e para ceder a alguns vizinhos. A quantidade de leite a fornecer aos vizinhos está em relação directa com as suas necessidades diárias e a mungilção, por vezes, está pendente do aparecimento dos fregueses, por conseguinte, nem sempre a munção é praticada a «fundo» e com a agravante de ser efectuada com várias interrupções, o que pode acarretar prejuízos de vária ordem.

Existe outro grupo de agricultores que tendo condições para possuírem duas ou três vacas leiteiras, não as possuem, simplesmente, por não haver localmente, mercado para o seu leite, e ou-

Escanxinhas - Almancil



Agradecimento

Emília Leal Viegas

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais profundo agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta durante a doença que a vitimou e bem assim a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada.

tros por não disporem de dinheiro para a aquisição dos animais.

Com a criação dum sistema devidamente estruturado, apoiado em medidas de fomento, tais como, a cedência de uma, duas ou três vacas leiteiras, conforme os casos, a cada agricultor interessado e que possua as necessárias condições para o efeito, ficando este obrigado, sob contrato, a pagar com crias, em igual número do mesmo sexo e raça dos animais recebidos e com mais de dezoito meses de idade, a partir do quarto ano, e a criação duma brigada de vulgarização, em constante actuação junto dos produtores, a prestar-lhe a assistência e os ensinamentos necessários;

Com a união das cooperativas de produtores de leite, alargando a sua acção aos pequenos agricultores, procedendo à recolha do leite, junto da produção, seu transporte para central pasteurizadora, e ainda, promovendo o fornecimento de rações para os animais e outros produtos necessários aos seus associados.

Seriam eliminadas as deficiências existentes na produção, como a falta de medidas higiênicas e outras, com a assistência prestada pela respectiva brigada e seriam vencidas as dificuldades da comercialização do leite e outros aspectos comerciais afins, com o apoio da respectiva cooperativa, mas que essa cooperativa ponha a sua cção ao serviço de todos os seus associados e não apenas ao serviço de alguns.

Antes de tudo isto, porém, há necessidade de promover uma campanha de mentalização, junto da população mais interessada, focando os seus aspectos mais importantes.

J. G.

Habilitação Notarial

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

NOTÁRIO: LICENCIADO NUNO ANTÓNIO DA ROSA PEREIRA DA SILVA

Certifico, nos termos do art.º 97.º do Código do Notariado, que por escritura de ontem, lavrada de fls. 26 a 27, do livro n.º C-81 de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi declarado que por óbito de Manuel Mendes Gaita, ocorrido no dia 25 de Julho do ano findo, em Sigeau, L'Aude, França, natural da freguesia de S. Sebastião, concelho de Loulé, habitualmente residente no sítio do Sobradinho de Alfeição, da mesma freguesia, no estado de solteiro, maior, que não deixou descendentes nem testamento, foram habilitados como seus únicos herdeiros, seus pais legítimos, Manuel Mendes Gaita, e mulher, Maria do Carmo Guerreiro Mendes, ambos naturais da aludida freguesia de São Sebastião, residentes no sítio do Sobradinho de Alfeição, da mesma freguesia, e casados segundo o regime da comunhão geral de bens.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 11 de Janeiro de 1975.

O 2.º AJUDANTE

a) Fernanda Fontes Santana

General Costa Gomes

Conclusão da 6.ª página

preensíveis pela circunstância da sua vastidão ter originado várias correntes emancipalistas.

Com a paciência, inspiração e boa vontade de todos os respon-sáveis poderemos rapidamente atingir uma situação de equilíbrio de entendimento, uma plataforma firme para que o Mundo possa ver instituir-se um grande país sem graves sacrifícios do povo que o vi-vifica.

ENSINO

A democratização do ensino timidamente aflorada no regime anterior, necessita de tantos meios materiais e humanos que irão levar anos a reunir, se não nos unirmos todos em esforço conjunto de recuperação.

CONJUNTURA ECONÓMICA

Não poderei esquecer outro sector fundamental, o económico-financeiro.

A alteração súbita das relações capital-trabalho em busca do equilíbrio justo ainda não alcançado, minaram a confiança dos investidores menos corajosos.

A tendência alta das matérias-primas, os novos níveis salariais, a falta de organização e de técnica, a impreparação dos gestores, os negócios de rentabilidade marginal ou radicados na distorção do mercado, tudo se conjugará para liquidar algumas centenas de empresas inviáveis num Portugal actualizado, e levará seu tempo a criar alguns milhares de outras, mais úteis e necessárias.

A recessão do turismo, a diminuição das remessas dos emigrantes menos esclarecidos, a correria aos bancos a levantar o dinheiro que se entesoura inutilmente, tudo contribui para diminuir os meios de investimento e a criação de novos postos de trabalho.

Esperam-nos meses difíceis. O plano económico a publicar dentro de dias algumas medidas de emergência, a coragem dos empresários, e, sobretudo, a vontade dos trabalhadores para trabalhar mais e produzir melhor, são indispensáveis para surpreender uma crise que se agudizou desde Novembro de 1973.

Com o aumento dos níveis salariais mais baixos que permitiu a entrada de mais pessoas nos circuitos económicos, e com a redução contínua das despesas militares, que permitirá investimentos estatais mais reprodutivos não é preciso ser profeta para prever que se vão criar condições para, dentro de dois anos, termos uma evolução económica financeira nitidamente mais favorável, desde que salvamos criar um clima de confiança nas relações dos factores de produção.

Tenho fé e esperança. Faremos um Portugal mais próspero com uma riqueza mais justamente distribuída.

ELEIÇÕES

Votemos esclarecidamente em partidos autênticos que nos provem a sua vocação de contribuir para uma democracia pluralista e livre.

Vamos todos às urnas com sinceridade e recta intenção, determinados a exigir sincera e recta intenção àqueles em quem votarmos.

Para o nosso país vão os meus desejos de toda a felicidade e prosperidade possíveis em 1975.

DESPORTOS

ANDEBOL

Organizado pela Real Amizade Farense, está a decorrer em Faro um torneio de andebol de sete. O Louletano D. C. inscreveu duas equipas de Juvenis.

No passado dia 6 realizou-se o jogo C.N. Escutas—Louletano(A) que terminou com o resultado de 9-14 favorável à equipa louletana.

ATLETISMO

A fim de promover a prática da modalidade na nossa província tem vindo a Associação de Atletismo de Faro, com a colaboração de alguns clubes, a realizar torneios de Corta-Mato para populares, em vários pon-

tos do Algarve. No passado domingo, 5 de Janeiro, disputou-se em Faro, a final do Torneio de Expansão e apuraram-se os seguintes resultados:

Escalão A (10, 11 e 12 anos) 1000 m.: 1.º Gil Vicente - V. R. Santo António; 2.º Joaquim Eugénio - V. R. Sto. António; 3.º Helder Guerreiro - Loulé; 4.º Paulo Alexandre - Faro; 5.º Idácio Jorge - Loulé.

Escalão B (13 e 14 anos) 2000 m.: 1.º Analídio Ponte - Albufeira; 2.º António Duarte - Albufeira; 3.º Luís Castro - V. R. Sto. António.

Escalão C (15 anos) 3000 m.: 1.º José Guerreiro - Algés; 2.º Celestino Gomes - Albufeira - 3.º Álvaro Ramos - Albufeira; 4.º Francisco Pereira - Loulé.

LÉLIO AMADO

Operação Limpeza

Uma brigada de pessoal de limpeza da Câmara de Loulé deu há dias início a uma autêntica operação-limpeza, cujo principal objectivo, como facilmente se alcança, é tentar limpar a nossa Vila e eliminar todas as estrumeiras que seja possível localizar.

Não foi fixado prazo para a realização deste trabalho, pois a acumulação de lixo nos mais incríveis lugares e a existência de objectos inúteis é de tal ordem que este trabalho vai exigir grandes esforços.

Muito nos regozijamos com esta corajosa decisão da Câmara de Loulé, tanto mais que nem escaparão à "limpeza" os automóveis abandonados na via pública e que dão à nossa terra aquele aspecto de desleixo que tanto nos entristece.

«A Voz de Loulé»

VENDE-SE
Na CASA ALEIXO

PROPRIEDADE

Por motivo de doença, vende-se uma propriedade em plena produção, com horta e sequeiro, com 4 h. Tem casa de habitação e dependências agrícolas, no sítio do Monte Estácio, (Almancil).

Tratar com José Francisco Guerreiro
Telefone 94158 — ALMANCIL

Notícias pessoais

FALECIMENTOS

Faleceu no passado dia 1 de Janeiro a nossa conterrânea sr.ª D. Ana das Dores, que contava 67 anos de idade e deixou viúvo o sr. António Francisco das Dores. A saudosa extinta era mãe dos sr. António das Dores Francisco, casado com a sr.ª D. Maria das Dores Santos Salgadinho (residentes no Canadá) e Marcolino das Dores Francisco, casado com a sr.ª D. Maria Isabel Martins, (residentes em Loulé).

Era avó das meninas Ana Maria, Susana Martins e António José.

Em casa de sua residência, em Loulé, faleceu no dia 1 de Janeiro a sr.ª D. Maria da Piedade Pinguinha, que contava 85 anos de idade e era viúva do sr. Manuel Rosa.

A saudosa extinta era mãe das sr.ªs D. Ilda Pinguinha Rosa Cortes, casada com o nosso dedicado assinante e amigo sr. José Cabrita Cortes, comerciante em Loulé, D. Aura Pinguinha Rosa, casada com o sr. João António dos Santos, industrial de merceria em Loulé, D. Clotilde Pinguinha Rosa, casada com o sr. Joaquim da Graça Nunes residentes na Venezuela e avó do sr. Ireneu Rosa Cortes, professor na Escola Comercial de Cacém.

No passado dia 26 de Dezembro, faleceu em Loulé a sr.ª D. Gertrudes de Jesus Freitas que contava 87 anos de idade.

A saudosa extinta era mãe do sr. José Filipe, residente na Venezuela e da sr.ª D. Maria da Piedade Freitas, casada com o sr. Victor António Ferreira, residentes em Loulé e era avó da menina Maria de Fátima Pontes Ferreira.

NASCIMENTO

Na Clínica S. Gabriel em Lisboa, no passado dia 21 de Dezembro, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança de sexo masculino, a sr.ª D. Maria Euni. ce Pereira da Silva de Sousa Rodrigues, casada com o nosso pre-zado amigo, assinante e conterrâneo sr. Dr. Helder José de Sousa Rodrigues, Médico veterinário, Assistente da Escola Superior de Medicina Veterinária.

São avós maternos a sr.ª D. Maria Júlia Costa e Silva Pereira da Silva e o sr. Eng.º Manuel Adelino Pereira da Silva e avós paternos a sr.ª D. Liberdade Leonor de Sousa Rodrigues e o sr. José Lopes Rodrigues, nosso estimado amigo e assinante e conterrâneo sr. Dr. Helder José de Sousa Rodrigues, Médico veterinário, Assistente da Escola Superior de Medicina Veterinária.

São avós maternos a sr.ª D. Maria Júlia Costa e Silva Pereira da Silva e o sr. Eng.º Manuel Adelino Pereira da Silva e avós paternos a sr.ª D. Liberdade Leonor de Sousa Rodrigues e o sr. José Lopes Rodrigues, nosso estimado amigo e assinante e conterrâneo sr. Dr. Helder José de Sousa Rodrigues, Médico veterinário, Assistente da Escola Superior de Medicina Veterinária.

Aos felizes pais e avós endereçamos os nossos parabéns, com votos de longa e feliz vida para o pequenino Rafael João.

Cão Perdido

De casa do seu dono, desapareceu há dias um cão pequeno, de 5 meses, que acode pelo nome de "Bolinhas".

O pelo é mesclado de castanho, preto e amarelo. Tem uma pequena cruz no peito, focinho preto e patas brancas. Tem uma orelha direita e outra partida.

Gratifica-se a quem informar:
Fazendinha Telef. 62327—LOULÉ

Visitou o Algarve o

Comandante Geral da P.S.P.

Este recentemente no Algarve o Comandante Geral da P.S.P. sr. Brigadeiro João José Neves Cardoso. Visita de trabalho e de auscultação, ela teve também o mérito de permitir aos agentes daquela prestimosa Corporação um contacto pessoal com o seu comandante a quem puderam expor alguns dos seus problemas durante a reunião realizada no Quartel de Faro, e em que também esteve o sr. Major Manuel Francisco da Silva, Comandante da P.S.P. de Faro, o qual manifestou o seu registo pela presença do Comandante Geral da P.S.P. no Comando Distrital.

Em conversa informal, o sr. Brigadeiro Neves Cardoso referiu-se à actuação da P.S.P. antes e depois do 25 de Abril, fazendo considerações acerca da missão específica da polícia, frizando que «o Agente é uma autoridade que o público reconhece como uma necessidade, pois não há país no Mundo que não tenha polícia. A polícia faz parte da Sociedade».

É inconcebível que a Polícia não queira ver aquilo que lhe dá trabalho. A polícia tem que ser eficiente, quer esteja só para resolver problemas do dia-a-dia quer seja uma força de conjunto para disciplinar uma multidão», disse ainda o sr. Brigadeiro Neves Car-

doso, acrescentando: «Quando alguém recorre à Polícia, é preciso que ela tudo faça para responder a esse apelo».

Não escondendo que aumentaram os roubos, os assaltos e os desmandos, o Comandante Geral da P.S.P. disse energicamente: «Não podemos consentir que seja perturbada a vida da população. Temos que aceitar o desafio e fazer tudo para pôr cobro a isso», frizando que está prevista uma reestruturação da P.S.P., cujos efectivos no Algarve, são os mesmos de 1953 e que (duma previsível fusão com a G.N.R.) não deresultarão benefícios para todos.

Dirigindo-se aos representantes da imprensa, o sr. Brigadeiro Neves Cardoso salientou o mérito da sua missão, frizando que acredita no contacto pessoal, na possibilidade de as pessoas se entenderem através de diálogo.

Seguiu-se, no próprio edifício do Comando, um almoco presidido pelo Comandante Geral, que estava ladeado pelos srs. dr. Luís Filipe Madeira e coronel Rodrigues da Silva.

Aos brindes usaram da palavra os srs. eng.º José Luís de Moura, presidente da Comissão Regional de Turismo, Matos Cartuxo, em representação dos órgãos informativos e, no final, o sr. brigadeiro Neves Cardoso.

ANGOLA EM FOCO

Dr. Joaquim Magalhães

• Continuação da 1.ª pag.

Na altura em que escrevemos estas linhas, aproxima-se do seu termo a já famosa «Cimeira do Algarve», que durante alguns dias concitou o interesse do País e do estrangeiro, pois que se discute o futuro político de um dos territórios mais importantes de África: a ex-colónia portuguesa de Angola.

Efectivamente, pode dizer-se que o Hotel Penina tem sido o centro das atenções de grande parte do mundo, o que se demonstra, por exemplo, com a presença de muitas dezenas de enviados especiais de jornais, rádio e televisão, de vários países da Europa e doutros continentes.

Os representantes de Portugal (general Costa Gomes, drs. Mário Soares e Almeida Santos e major Melo Antunes), frente a frente com os chefes dos Movimentos de Libertação de Angola (dr. Agostinho Neto, do MPLA; Holden Roberto, da FNL; e Jonas Savimbi, da UNITA), têm vindo a concretizar, no decorrer do histórico encontro, os desejos expressos pelo Presidente da República na abertura das negociações: «que a solução que aqui ve-nha a ser encontrada tenha voca-cão a projectar-se no tempo em instituições políticas que derramem paz e tranquilidade no futuro de Angola».

Mais descansado agora das tarefas docentes, talvez seja chegada a hora do dr. Joaquim Magalhães — que é um poeta de elevado mérito — dedicar mais tempo à sua obra, trazendo a público os trabalhos que tem escrito para a gaveta.

«A Voz de Loulé» cumprimenta amigavelmente o dr. Joaquim Magalhães e conta-lhe, mais amiúde, como colaborador nas suas páginas.

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro

ANUNCIO

Precisa-se enfermeiro(a) ou auxiliar de enfermagem para o Posto Clínico de Silves.

Os interessados deverão dirigir-se à sede desta Instituição — Rua Infante D. Henrique, 34 — Faro.

Faro, 2 de Janeiro de 1975

Nota Quinzenal

Continuação da 1.ª página

internacionais, não era solução que interessasse a Portugal. Os que desaprovam a independência de Angola deviam dar uma opinião realista de como resolver tão complexo problema.

Continuar com a guerra? Até quando? Só o futuro nos poderá dizer das vantagens ou convenientes das soluções que forem encontradas na cimeira do Algarve.

MENDES & PINTO, LDA.

**SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ**

1.º CARTÓRIO

NOTÁRIO: LICENCIADO NUNO ANTÓNIO DA ROSA PEREIRA DA SILVA.

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de 30 de Dezembro do ano findo, lavrada de fls. 144, v a 147, do livro N.º B - 80, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre João de Sousa Mendes, Maria d' Jesus da Ponte de Sousa, Manuel de Sousa Mendes, Raúl Rafael Pinto e Maria Gracieta dos Santos Pinto, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «Mendes & Pinto, Limitada».

Segundo — A sua sede social é na Rua de Nossa Senhora da Piedade, número cento e trinta e dois, desta vila e freguesia de São Sebastião.

Terceiro — O início da sua actividade será em dois de Janeiro de mil novecentos e setenta e cinco e a sua duração será por tempo indeterminado.

Quarto — O objecto desta sociedade é a exportação para o estrangeiro de obra manufacturada em palma, palha, vime, ráfia, junco, cisal, cana e a importação de artigos do País e do estrangeiro de diversas espécies e ainda qualquer outro ramo de comércio que a sociedade delibere exercer e a lei permita.

Quinto — O capital social será de oitenta mil escudos, integralmente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, correspondendo à soma das quotas dos cinco sócios, da seguinte forma:

Uma de vinte mil escudos em nome do sócio João de Sousa Mendes;

Uma de quinze mil escudos, em nome da sócia Maria de Jesus da Ponte de Sousa;

Uma de dez mil escudos, em nome do sócio Manuel de Sousa Mendes;

Uma de vinte mil escudos, em nome do sócio Raúl Rafael Pinto; e

Outra de quinze mil escudos, em nome da sócia Maria Gracieta dos Santos Pinto.

Sexto — Não poderão ser exigidas aos sócios prestações suplementares de capital, mas poderão os mesmos fazer à sociedade os supri-

mentos de que esta careça nos termos e condições a fixar em Assembleia Geral.

Sétimo — É proibida a cessão de quotas sem o consentimento da sociedade.

Parágrafo primeiro — O sócio que pretender alienar a sua quota avisará a sociedade com a antecedência de trinta dias, por carta registada, declarando o valor que exige, o nome do adquirente e as demais condições da cessão.

Parágrafo segundo — A sociedade reserva-se o direito de preferência nesta cessão e quando não quiser usar dele é este direito atribuído aos sócios em primeiro lugar ou a qualquer deles em último.

Oitavo — A gerência da sociedade pertence a todos os sócios, mas a sociedade só se obriga e pode ser representada em juízo e fora dele, pelos sócios João de Sousa Mendes ou Raúl Rafael Pinto, ou na falta deles por dois gerentes sendo um do grupo Mendes e outro do grupo Pinto. Em documentos de mero expediente bastará uma assinatura de qualquer sócio.

Parágrafo primeiro — Qualquer dos sócios pode delegar parte ou todos dos seus poderes de gerência, incluindo toda a intervenção nos negócios sociais, por procuração competente em qualquer outro sócio ou até em pessoa estranha, devendo, neste caso, obter o acordo da sociedade.

Parágrafo segundo — aos sócios é expressamente vedado obrigar a sociedade em actos e contratos que não digam respeito aos negócios dela e em abonações, fianças, letras de favor ou quaisquer outros semelhantes.

Nono — No caso de falecimento de qualquer dos sócios os seus herdeiros indicarão no prazo máximo de sessenta dias, quem ficará a representar a quota e assumirá as funções do falecido, o qual poderá igualmente ser um estranho por aqueles escolhido, mas credenciado por procuração, passada por todos os herdeiros.

Décimo — Os lucros da sociedade serão divididos pelos sócios, na proporção das suas quotas depois de retirados dez por cento para o fundo de reserva legal. Os prejuízos, se os houver, serão igualmente suportados na mesma proporção.

Décimo primeiro — A sociedade dissolve-se por deliberação da maioria dos só-

cios que representem pelo menos três quartas partes do capital social, tomada em Assembleia Geral.

Décimo segundo — As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas expedidas com oito dias de antecedência e poderão realizar-se em local designado na convocação, quando a lei não exigir outras formalidades.

Décimo terceiro — A sociedade poderá sempre amortizar a quota de qualquer sócio, quando a mesma for objecto de arresto ou penhora judicial, sendo, neste caso, o valor da quota o que constar do último balanço efectuado.

Décimo quarto — Anualmente será dado um balanço que se fechará com data de trinta e um de Dezembro, podendo qualquer sócio retirar a parte proporcional aos lucros.

Está conforme ao original.
Secretaria Notarial de Loulé, 4 de Janeiro de 1975.

O 2.º Ajudante,

a) Fernanda Fontes Santana

Vem aí o papão?

Continuação da 1.ª pág.

blema e resumilo a esta irreconciliável alternativa, sempre foi — e é — um recurso das forças reacionárias, na tentativa de evitar o alinhamento dos cristãos com as forças mais progressivas. E, enquanto equacionam o problema desta forma, tentam tirar o máximo proveito com a agitação dum impiedoso anti-clericalismo que o marxismo na verdade não integra. Por conveniência, sempre identificaram, ontem como hoje, ateísmo com anti-clericalismo.

Centralizando as questões em torno do aspecto religioso, pretendem sempre as forças burguesas desviar das atenções do povo o núcleo da doutrina marxista; o aspecto prático. A luta de classes.

Esta sim, (a luta de classes) é o ponto importante e necessário para a implantação dumha sociedade comunista. E aqui, não só não há incompatibilidades entre cristãos e comunistas, como até são numerosas as afinidades, pois que ambos defendem uma sociedade justa, onde o homem não seja lobo (explorador) do homem, onde os privilégios sejam abolidos e onde cada ser seja tão digno e aceite como o seu próximo.

Toda a luta de classes assume aspectos variadíssimos, sem deixar de, claro está, tocar o económico, o político e o social. Face à importância desta condição necessária, fácil se torna concluir que é absurdo e tendencioso fazer da questão religiosa cavalo de batalha, para provar a impossibilidade de cristãos e marxistas caminharem lado a lado na luta contra as forças do capitalismo, com vista à implantação dumha sociedade comunista em Portugal.

É urgente pois, que se tome consciência que a luta não se trava entre crentes e não-crentes, mas sim entre exploradores e explorados. Entre burgueses e operários, entre ricos e pobres.

Eng.º Laginha Serafim

Continuado da 2.ª pág.

mar toda a gente, em conjunto, numa sociedade de homens felizes, de homens válidos, de homens que conhecem a cultura e encontrem em tudo quanto a vida lhes trás um motivo de satisfação, uma alegria de viver. Esse objectivo é prioritário em qualquer sociedade e é esse o nosso objectivo. Mas para que seja assim, para que efectivamente nós conquistemos a liberdade, a fraternidade e tantas outras legítimas ambições do género humano, temos que nos organizar numa sociedade sã. Em primeiro lugar todos nós temos de ser iguais. Não pode haver privilegiados. Isto consegue-se quando o poder vem do povo. Democracia é isto mesmo, o poder que vem do povo. Cada um de vós há-de encontrar que em si mesmo é um átomo, uma molécula desse cristal, dessa sociedade que há-de ter todas as moléculas iguais e com os mesmos direitos. O povo é como se fosse um grande mar. E é desse grande mar de gente, desses átomos todos iguais todos livres, todos querendo fazer a felicidade de todos e a colaborar para que todos os outros colaborem, que servem os cristais e as formas cristalinas.

Desse mar de gente há-de sair os seus leaders, eleitos directamente por eles, escolhidos livremente. E estes, os escolhidos por eles, há-de prestar-lhes contas, de vez enquando, do seu trabalho. Se não fizerem bem, o povo escolherá outros que os substituam livremente e tudo isto em paz.

Nós não queremos que haja um só partido, nós queremos que cada homem pense da sua maneira, que cada homem use a sua cabeça e encontre a sua direcção. O Movimento Democrático Português tem uma forte genuinidade; é genuíno até ao ponto de respeitar a liberdade de pensamento de cada um. Não pretende a unidade de actuação política por qualquer processo menos democrático, ele entende, acima de tudo que as forças progressistas de Portugal se devem unir e por isso mesmo ele é um Movimento e continuará a ser um Movimento.

Mas vamos a outro tema, o tema que me ocupa e aquele tema de que prometi falar. Todo o homem nasce igual, todo o homem nasce capaz de ser qualquer coisa. O que o transforma é a educação, o que o transforma é a língua que ele aprende, o que o diminui são as frustrações e os acidentes que sofre e os vícios que durante a sua juventude ele criou. Se nós educarmos um homem dentro de um só espírito ele naturalmente será um homem bom e útil. Eu ainda posso lembrar-me, e estão muitos dentro desta sala que também se lembrarão ainda, daquelas lições que nós tivemos daqueles velhos professores de há 50 anos, que nos respeitavam tal como nós os respeitavamos a eles na escola.

Eles nos ensinavam a ter cívismo, a respeitar a nossa bandeira, a respeitar a nossa escola a respeitar a nossa Pátria e a respeitar as pátrias dos outros. Eu lembro-me a alegria com que um professor de aqui, falava do Brasil como grande democracia nascida de Portugal. Hoje os portugueses, seguindo exactamente esses princípios de cívismo, podem contribuir para que em África se formem democracias, das quais amanhã estejamos tão orgulhosos como sempre estivemos da democracia brasileira.

O homem tem de aprender em casa e na escola as coisas essenciais da vida. Essas coisas essenciais não se aprendem em 4 anos de ensino. Lembrar-se como há uns 16 anos, quando tive ocasião de vir falar a Loulé numa Sessão Solene de prémios aos alunos mais classificados da vila, me insurgei que em Portugal ainda houvesse só 4 anos de ensino obrigatório. Ora muita gente hoje não tem ainda mais de 4 anos de ensino e alguns nem lá chegaram. E já então vimos como era preciso que tivéssemos muitos mais anos de ensino obrigatório. Esse

ensino obrigatório, evidentemente porque é obrigatório, tem de ser completamente grátis. Até o próprio transporte para a escola tem de ser grátis para aqueles que vivem longe. Este tem de ser o primeiro e o mais profundo objectivo político em Portugal. Ensino efectivo de 8 anos obrigatório e bem usados, em que as coisas essenciais: o ler, aprender e contar não sejam o objectivo, mas antes levar o homem até uma cultura que lhe permita analisar um problema filosófico, que lhe permita apreciar um problema artístico, que saiba inclusivamente preparar-se para os níveis superiores da sua actividade, seja ela tecnológica, artística, ou científica, seja o que for. Eu entendo que, só quando um país conseguir elevar o nível cultural de toda a sua população, é que esse país comece, efectivamente, a ser progressivo. Só nessa ocasião o homem terá completa capacidade de se dirigir. Por isso não pode deixar de ser objectivo prioritário do nosso movimento uma forte política, intransigente, de alfabetização e de ensino de cultura geral, em escolas como elas devem ser.

Mas eu quero dar um passo mais atrás. Na minha opinião não há inconveniente nenhum em começar a aprender cedo. Sempre afirmei que há uma relação biunívoca entre génio e precoceidade. Uma das coisas iniquas que o fascismo nos trouxe foi obrigar que os nossos filhos, mesmo aqueles mais dotados, aqueles que aos 3 anos já eram capazes de aprender a ler, não pudesse entrar para a escola senão aos 7 anos. Isto não pode continuar e nós vamos transformar isto, nós precisamos de transformar essa mentalidade. Não há o mais pequeno inconveniente quando a criança é capaz de aprender, quando ela conserva boa saúde, que nós lhe demos tudo quanto o seu espírito está a precisar, que lhe ensinemos tudo quanto ela deseja aprender. E nas crianças que está o nosso futuro. Mas nós estamos num momento em que a reacção actua, de novo, actua de uma forma vil, de uma forma brutal, neste momento. Eu quero-lhes dizer algo de pessoal: eu acabo de ser vítima em Coimbra. Porquê? Pela simples razão que eu não tenho, dado o meu acordo a que os alunos de uma Universidade possam passar sem fazer exames e sem saber. E na minha terra, com a força que me dá a vossa amizade que eu denuncio essa acção terrível da reacção junto dos estudantes. O estudante, que depois de um curso secundário inicia um curso superior, deve ser o primeiro e o mais abnegado dos nossos cidadãos. Eu espero que muito rapidamente os nossos estudantes se conscientizem disso e lutem efectivamente contra os miseráveis fascistas que agora se dizem ao seu lado. Este problema da crise e dos problemas do ensino evidentemente que é talvez dos mais complexos e da mais difíceis assuntos políticos. E eu tenho encontrado nos meus companheiros do MDP/CDE indivíduos que efectivamente têm ideias claras e que estão dispostos a estudar o problema da maneira que ele deve ser estudado em Portugal. Portugal é hoje o país menos culto, menos educado, com menor número de médicos, de advogados, de engenheiros, de professores de toda a Europa. Mas por outro lado, temos necessidade de passar rapidamente ao escalão superior. Isso só se faz com grandes sacrifícios da nossa parte e com uma grande abnegação de todos pelo ensino. Faço, portanto, um apelo a todos: Conscientizem-se que, neste momento, de intensidade política que vive o nosso povo, a nossa primeira obrigação é lutar fortemente pelo ensino. Aqui estamos, os do MDP a dizer-vos que é essa a nossa posição.

J. Laginha Serafim

DE PROVAS DE CIVISMO ...

— Não suje as ruas.
— É mais fácil não sujar do que limpar.



Armelim Contreiras
STAND DE AUTOMÓVEIS

Compra, Vende e Troca Automóveis novos e usados

Nova Urbanização Sul — Cadoiço

Telef. 6 2056

L O U L É

Leia e assine

«A VOZ DE LOULÉ»

Choque de classes

• Continuação da 1.ª pág.

dor o sagrado direito de defender os seus interesses, está certo, mas também parece coerente que não deve ser negado à entidade patronal os mesmos direitos, até porque negá-los é atentar contra a segurança do pleno emprego dos próprios trabalhadores.

Um comerciante ou um industrial só continuarão a sê-lo até ao dia em que lhes pareça que vale a pena manter a casa que abriu na legítima esperança de melhorar as suas condições de vida e correndo riscos e aceitando preocupações que um empregado nem sabe avaliar.

Logo após o 25 de Abril dizia-se que o país era propriedade privada de uma dúzia de famílias cujos membros «viviam como uns nababos» mas agora a «luta» está a estender-se contra todos os patrões... simplesmente porque o são e sabe Deus com que sacrifício tantos milhares se mantêm numa posição tão odiosa só por ser considerada de «privilegio».

E quantos milhares de empregados não há já por esse país disfrutando uma vida mais «privilegiada» que tantos patrões que já foram empregados e vencem lutando estoicamente contra as inclemências do tempo e de circunstâncias adversas?

Está a travar-se neste momento, em todo o País, uma autêntica luta de classes, num choque psicológico premeditado e que no fundo pouco mais será, em muitos casos, do que uma recalada inveja dos que nada têm e cobram o que é dos outros. Sem coragem para dizerem as coisas pelos seus próprios nomes clamam em altos gritos a utópica ladinha «duma sociedade sem classes».

Abertamente se declara já uma «luta contra os patrões» esses mesmos patrões a quem convém chamar exploradores (inicialmente só os grandes capitalistas «merciem» esse nome) para criar ambiente de insegurança e de medo que, ao retrair iniciativas válidas desencorajam quem queira lançar-se nos novos caminhos numa necessária industrialização de que os trabalhadores passariam afinal a ser os principais beneficiários através da criação de novos postos de trabalho e de melhores salários.

É triste, muito triste mesmo, verificar a ingenuidade de tantos trabalhadores que, ao pedirem exageradas reivindicações não reconhecem que estão afundando

a própria empresa que lhes garante os meios de subsistência, e a própria inflação da qual eles são as primeiras e maiores vítimas.

Deturpados os nobres ideais dos que fizeram o 25 de Abril assiste-se a um inverter de posições em que aqueles que se consideram explorados querem passar a exploradores... esmagando odiosamente os que os ajudaram.

E porquê tanto ódio àqueles que, mercê da sua inteligência ou do seu trabalho, conseguiram disfrutar uma vida melhor do que tantos que nunca foram capazes de se orientar a si próprios?

Naos está aqui em causa os que enriqueceram explorando vergonhosamente ou vigarizando, mas queremos fazer apenas um alertar de consciências para os que são vítimas inocentes dum clamorosa injustiça.

Da actual situação está resultando um ambiente de forte tensão entre as pessoas que vivem em comum e cujo subconsciente explode à mais pequena faísca.

Se se fez o 25 de Abril para acabar com as mais descaradas injustiças, todos os portugueses deviam tentar acertar o passo para uma vida em comum em que o diálogo franco e aberto substituisse querelas de que afinal ninguém aproveita.

Não é em ambiente de ódio que vamos construir uma sociedade nova.

Durante longos anos ainda, o dinheiro continuará a ser o sangue que fará pulsar o coração das nações. Uma luta feroz e sem quartel contra os que têm dinheiro só agravará a situação dos que precisem de trabalhar para fazer face às suas necessidades quotidianas.

Digam o que quizerem, façam o que fizerem, sem dinheiro não pode haver progresso e, se este não for fomentado, todos sofreremos as consequências de erros irreparáveis.

Esta luta violenta de palavras que se está travando leva as pessoas a viverem em ambiente de tensão a ponto de terem agora medo de «não ser canhotos» pela mesma simples razão porque dantes alinhavam pelas direitas... apenas por ser mais cômodo e ficarem isentos de «certos problemas».

AURELIO LOPES

Leia e assine
«A VOZ DE LOULÉ»

A PROPÓSITO DE UM COMÍCIO

Os exageros desacreditam os próprios ideais de quem os apregoa

No Comício do Partido Comunista Português realizado no Clube Teatro Louletano no dia 5 de Dezembro uma filiada terminou sua intervenção protestando contra a Lusotur que «expulsou os rendeiros de Vilamoura» e se associou ao capitalismo estrangeiro e ao Banco Português do Atlântico.

O problema não nos interessa directamente mas parece-nos lógico esclarecer as pessoas que se trata de uma afirmação demagogica e sem qualquer sentido.

Achamos justo esclarecer que, pondo fim a velhos contratos através de indemnizações justas, a Lusotur apenas regastou a posse das terras para mais facilmente dar realização aos projectos de expansão agrícola, pecuária e turística, na Quinta de Quarteira.

Não foi tirado trabalho a ninguém, pois aos seus rendeiros foi oferecida a oportunidade de continuarem trabalhando na propriedade e em melhores condições de rentabilidade do que até ali. E a prova é que ainda hoje trabalham lá muitos, usufruindo regalias que nunca antes sonharam. Os mais jovens, ficaram trabalhando em Vilamoura mas na construção civil, disfrutando dos

mais altos salários da região.

Graças à reconversão efectuada no sector agrícola de Vilamoura, mais de 150 trabalhadores

• Continua na 2.ª pág.

Finalmente choveu!

Após uma longa estiagem que estava criando já sérios embargos à agricultura e ao abastecimento público (as reservas de Loulé nunca tinham atingido tão preocupante baixa), finalmente a chuva veio dar um pouco de mais ânimo principalmente aos que vivem da agricultura e para a agricultura.

Simplesmente nos parece que não basta agora que todos fiquem satisfeitos por que choveu. Parece que é preciso pensar a sério em criar reservas de água no Algarve, pois de ano para ano as chuvas estão rareando cada vez mais.

É urgente pensar seriamente como há-de ser resolvido esse problema e fazer alguma coisa de muito positivo.

Contrastes da Política

É certo e sabido que a política é um jogo de contrastes e talvez por isso ela faz criar situações paradoxais que nos levam a concluir que não vale a pena acreditar nos políticos, pois cada qual afinal «põe na mesa» as cartas que mais convêm aos seus interesses.

Por isso achamos curiosíssimo verificar agora os flagrantes contrastes entre indivíduos que dantes protestavam energicamente contra um governo de ditadura que não permitia o direito à livre reunião; que proibia a realização de sessões culturais com o pretexto de que eram reuniões de carácter subversivo; que controlava a imprensa com uma antípatica censura; que não permitia comícios... porque tinha medo das manifestações e aqueles mesmos indivíduos que, contrariando agora a vontade democrática do actual Governo, exercem a censura ao sabor das suas conveniências políticas, sem permitir que os outros defendam os seus interesses; que boicotam reuniões de partidos do centro (acusando-os tão habilidosamente de «fascistas» como dantes, outros grupos, eram acusados, por conveniencia, de «comunistas») e que rasgam cartazes só porque não são do seu partido... exactamente como dantes a PIDE rasgava cartazes daqueles grupos que hoje tomam as mesmas atitudes daquela odiada polícia.

Será que têm medo de ler verdade?

Se são mentiras deixá-los dizer. Quanto maiores forem as suas mentiras mais desacreditados ficam.

Dantes criticava-se a repressão, e hoje tomam-se as mesmas atitudes na vã convicção que só a nossa verdade interessa a todos.

Proíbe-se aos outros a liberdade de que se exige para nós.

E nome de que espécie de liberdade?

Os bem intencionados homens que derrubaram uma ditadura no dia 25 de Abril não vão permitir que se crie ambiente para uma nova ditadura.

Portanto, se queremos construir uma verdadeira democracia e se estamos conscientes das nossas razões, não sejamos nós próprios os maiores inimigos dumha liberdade que já antes se apregrava como necessária.

Aqueles que tão aspera e justificadamente criticavam o governo fascista por proclamar: «os que não são por nós, são contra nós» não têm agora o direito de tomar a mesma facciosa posição.

Dantes criticava-se asperamente o governo fascista porque não concedia o direito de reunião e cancelava mesmo manifestações de carácter cultural com o pretexto de que se tratava de movimentos comunistas.

E dizia-se, com razão: «Que raio de governo é este que nem nos deixa discutir os nossos problemas». Hoje, que o Governo concedeu o direito à reunião, são os reclamantes de ontem que não deixam reunir-se aqueles que não professam os seus ideais.

Alfredo Lopes

Antes de fumar...



PENSE 2 VEZES ..

POUPARÁ DINHEIRO E A SUA SAÚDE.

General Costa Gomes

• Continuado da 1.ª pág.

o mundo exterior onde devemos ser causa e consequência de uma paz auténtica.

A paz exige o esforço anónimo e permanente de cada um de nós e terá que se subordinar aos conceitos superiores do bem e da justiça ao serviço do Homem e dos povos.

25 DE ABRIL

O dia de hoje é também a primeira página que se volta sobre o ano de 1974, onde a revolução do 25 de Abril foi acontecimento grande nas Histórias de Portugal e do Mundo.

O balanço imediato de 1974 é um risco ingrato, mas teremos que o fazer para traçar o rumo de 1975.

Os jovens oficiais a quem devemos o 25 de Abril ofereceram ao País um programa suficientemente genérico para dar ao povo ampla liberdade de escolha quanto ao esquema político a preparar. (...)

A medida que o testamento do M. F. A. se vai clarificando surgem os herdeiros descontentes, porque lhes não agrada a liberdade e a esperança da maioria dos seus irmãos.

Encerrou-se em 1974 uma primeira fase de aprendizagem político-social em que o povo português demonstrou alto civismo e revel capacidade para reconstruir uma sociedade, pela via democrática auténtica e livre. (...)

Como saldo entendo afirmar categoricamente que em oito meses se fizeram experiências políticas e sociais muito válidas conduzidas por homens saídos do povo e ao serviço do povo.

DESCOLONIZAÇÃO

O fenômeno descolonizador em que nos empenhamos progrediu em bom ritmo; nem sempre se aproximou da rota idealista que sonharmos, mas a inspiração e o talento político realista tem sabido imprimir-lhe um curso original, mais fecundo, mais humano e mais eficaz do que muitas experiências anteriores conduzidas com meios muito mais amplos.

Angola constitui neste momento o problema mais complexo o que nos exige mais carinhosa preocupação; tem dificuldades com

• Continua na 4.ª pág.

AOS ASSINANTES DE «A VOZ DE LOULÉ»

Como a maioria dos assinantes do nosso jornal paga a sua assinatura anualmente e uma percentagem muito elevada tem a gentileza de nos remeter o valor correspondente em vales de correio ou cheques, lembramo-lhes que está a pagamento a assinatura referente ao ano de 1975.

O serviço de cobrança pelos C.T.T. é cada vez mais oneroso e tem ainda o grande inconveniente de provocar devolução de recibos sempre que o carteiro não encontra o destinatário. Isto dá uma duplação de despesas que acarreta grandes prejuízos para a modesta economia de um pequeno jornal de província.

Chamamos particularmente a atenção dos nossos assinantes do estrangeiro que têm em dívida assinaturas referentes a alguns anos, a que representa um valor muito importante para a debilidade económica de «A Voz de Loulé». Se acrescentarmos que cada assinatura de avião para o estrangeiro custa 180\$00 e se dissemos que temos dezenas de assinantes em atraso, facilmente se deduzirá do montante de dinheiro dispendido em portes de correio e em valor de jornais perdidos. É evidente que suspendemos o en-

vio do jornal quando o atraso o justifica, mas a verdade é que os jornais foram enviados e os portes dos correios foram pagos.

Apelamos, pois, para todos os nossos amigos, para que não se deixem atrasar com o pagamento da sua assinatura. Para maior facilidade de liquidação abaixo damos nota dos respectivos custos:

PREÇOS DE ASSINATURA DE «A VOZ DE LOULÉ»:

CONTINENTE

Semestre	40\$00
Ano	70\$00

(Todos os recibos que forem enviados à cobrança pelo correio terão um aumento de 3\$50 para as respectivas despesas).

ULTRAMAR E BRASIL

Semestre	50\$00	100\$00
Ano	85\$00	155\$00

ESTRANGEIRO

Semestre	60\$00	105\$00
Ano	100\$00	180\$00

Não ao abstencionismo!

por E. Passos Correia

É bem verdade que é muito mais difícil construir uma democracia do que uma ditadura. A primeira é obra de todos; a segunda não é mais do que a escolha de uns à custa do silêncio dos outros.

E vem isto a propósito do esforço que os partidos estão fazendo para a consolidação da democracia em Portugal. Estamos pois em vias de democratização. A legalização dos partidos políticos é uma realidade. As próximas eleições serão mais um passo para a democracia.

Em nosso entender, e à falta de melhor opinião, todos deveríamos ser obrigados a votar e não aceitármos a abstenção como posição.

Abstencionismo ou maioria silenciosa são nomes diferentes para o mesmo problema o qual não é mais do que a negação de um direito cívico que todo o cidadão deve cumprir. E dizemos deve cumprir pois senão arriscase a viver no sistema político que outros escolheram. E dizemos que o voto deve ser obrigatório porque sem tal condição não iremos construir uma democracia, obra de todos e onde to-

Espécies de Homens

Em todas as revoltas populares há sempre duas espécies de homens: aqueles que as promovem e aqueles que as aproveitam.

NAPOLEÃO I